

LINO FRANÇA JR.

HOMENS MORTOS NÃO CONTAM HISTÓRIAS



FREE BOOKS

LINO FRANÇA JR.

HOMENS MORTOS
NÃO CONTAM HISTÓRIAS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – NOSSOS AUTORES

TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: Homens Mortos Não Contam Histórias

Autor: Lino França Jr.

País de origem: Brasil

Imagem da capa: Iván Tamás/Pixaby

Leiaute da capa: Canva/PS.

Série: Nossos Autores – vol. 15

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Lino França Jr. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do autor.

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[HOMENS MORTOS NÃO CONTAM HISTÓRIAS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

HOMENS MORTOS NÃO CONTAM HISTÓRIAS

O marulhar tranquilo das águas batia no casco do navio provocando um leve balanço. *Spirit of the sea* era o nome do grandioso barco de passageiros que fazia a viagem Nova York – Londres. O capitão Willians não conseguia esconder seu contentamento com aquela que era a centésima travessia do *Spirit*. Para comemorar tal façanha, o orgulhoso capitão trouxe a bordo toda a sua família: mãe, esposa, os dois filhos, além do casal de sogros. O homem não cabia em si de tanta felicidade com o feito.

As águas perigosas do Atlântico ainda não haviam dado motivo para temor ao barco do capitão Willians. Mesmo com os inúmeros relatos de ataques piratas a outros navios, o *Spirit of the sea*, continuava incólume, o que trazia ainda mais satisfação ao capitão.

Já se seguia o terceiro dia de viagem e tudo corria perfeitamente bem. A tripulação cuidava dos afazeres do navio com distinção, enquanto os passageiros aproveitavam todas as mordomias proporcionadas pela equipe do navio.

Em meio à festa, programada para o salão principal naquela noite, ouviu-se o primeiro estrondo. O navio balançou assustadoramente. Os passageiros olharam-se entre si sem nada entender. Não tardou muito para que os primeiros tripulantes descessem a escadaria do salão, berrando a plenos pulmões que estavam sob ataque de um enorme navio negro.

Ainda aturdido com aquela notícia, o capitão Willians parecia estar sem ação. Por mais que soubesse que navegava por águas perigosas, a sorte sempre o acompanhou em todas as suas viagens e, assim, imaginando que apenas a boa ventura do destino fosse suficiente para permanecer ileso aos perigos do mar, jamais se preparou para um ataque como aquele.

Ivan, o primeiro-oficial do navio, desceu as escadas, mais branco do que papel, e gaguejou algumas palavras para o capitão que se esforçou para entender:

— Senhor, é um... um enorme na-navio negro. — Parou um pouco para puxar o ar aos pulmões antes de prosseguir: — Não conseguimos identificar qual a sua bandeira, por isso, não imaginamos o motivo do ataque.

O capitão Willians, tirou o quepe da cabeça e passou a outra mão pelos cabelos grisalhos.

— Vamos ao tombadilho – disse.

Subiram os degraus a passos largos, enquanto as explosões espocavam do lado de fora. Os passageiros, assustados, eram orientados a permanecer em suas cabines até que o problema fosse identificado e resolvido.

Chegando à popa, o capitão dirigiu-se a bombordo apoiando-se na amurada do navio. Olhou para o barco inimigo, que vinha em velocidade ao seu encontro, tentando reconhecer sua nacionalidade. O mastro principal estava encoberto pela fumaça que subia, proveniente dos canhões. O capitão Willians apertou os olhos e finalmente viu o topo do mastro, mas a bandeira estava totalmente enrolada e encharcada pela chuva fina que caía sem parar. Em meio a outro estrondo de canhão, que por muito pouco não atingiu o casco do navio, Ivan percebeu que quase todos já haviam se recolhido aos seus aposentos, o que evitaria maior caos no navio.

Uma forte lufada de vento trouxe ondas enormes no meio do oceano e esse mesmo vento foi responsável por desenrolar a bandeira do grande navio negro.

— Meu Deus — disse o contramestre que acabara de se juntar ao capitão. — É a Jolly Roger, senhor — completou com a voz trêmula.

A bandeira negra com a inconfundível caveira branca com ossos cruzados tremulou imponente e assustadoramente no céu escuro.

Cerca de cem metros separavam os dois navios e, então, o capitão Willians pôde ler o nome do navio pirata que vinha com sede mortal ao seu encalço. Em letras grandes e acinzentadas, feitas com ossos humanos, e encravadas no casco do navio negro, lia-se claramente: *Colossus*.

Sem nenhum plano de defesa ou contra-ataque, o capitão Willians só pôde esperar a inevitável tomada de seu navio.

As primeiras cordas foram lançadas com ganchos, que serviriam de ligação entre as duas embarcações. Os homens do barco pirata invadiram rapidamente o convés. Pouco mais de uma dezena de tripulantes aguardavam os invasores, que chegaram gritando impropérios, e imobilizaram os homens rapidamente. O último pirata a descer ao barco, nitidamente, era o líder. Um chapéu alto e preto, gasto pelo tempo, contrastava com brincos de argolas dourados e correntes no pescoço e pulso, que brilhavam intensamente. Uma densa barba ruiva cobria-lhe quase toda a parte inferior do rosto, que ainda exibia uma grotesca cicatriz que descia pelo olho esquerdo e morria numa curva em direção à orelha. Com um andar claudicante, aproximou-se do capitão Willians, que afastou-se ao sentir o mau cheiro que exalava do homem. Um odor rançoso de suor sobrepunha-se ao característico hálito de rum azedo, e invadia-lhe as narinas.

— É o capitão deste navio? — disse o pirata dando uma grossa cusparada no chão de madeira.

— Sim. Sou o capitão Willians, comandante deste navio — respondeu o outro.

— Pois bem, está sendo muito esperto em não tentar nenhuma reação — disse o pirata emitindo uma risada desdenhosa. — Esse arremedo de tripulação que lhe faz companhia não seria mesmo páreo para meus homens — prosseguiu, olhando ao redor.

Os demais piratas soltaram risadas abafadas.

— Sou o capitão Horner, conhecido por esses mares, simplesmente, como Maldito — completou o pirata.

— Pois pra mim, você não passa de um reles ladrãozinho covarde, que não merece ostentar a alcunha de capitão — disse, disparando uma cusparada certa nas fuças do ameaçador pirata.

O homem que estava imediatamente atrás do capitão Willians levou seu afiado cutelo à sua garganta, fazendo-o estremecer.

Maldito limpou a cara suja e aproximou-se perigosamente do capitão. Seu hálito nojento desceu pela garganta do homem quando o velho pirata sentenciou:

— Levem o corajoso capitão para o *Colossus* — disse, piscando o olho circundado pela cicatriz. — Terei com ele mais tarde. — Virou-se e seguiu pelo convés.

— Não! — gritou o capitão em desespero. — Não abandonarei meu barco sem minha família!

— Sua família está a bordo? — perguntou o pirata sem nem mesmo virar-se.

O capitão Willians se deu conta que cometera um erro fatal.

Os comandados do capitão Horner arrastaram o homem desesperado, que se debatia, sem êxito, em direção ao navio pirata.

A pilhagem seguiu-se como deveria ser, ou seja, com muitas mortes, derramamento de sangue, estupros, e covardias tamanhas, das quais a horda de piratas assassinos já estava mais do que acostumada.

Não fora difícil persuadir a tripulação a indicar quem fazia parte da família do capitão Willians. O delator, em vez de ter sua vida poupada, ganhava, como prêmio pela informação, um talho na garganta que ia de orelha a orelha.

Ninguém foi poupado. A carnificina no navio foi terrível e os requintes de crueldade foram guardados especialmente para a família do capitão Willians.

O caixa forte do *Spirit of the sea* foi levado para o *Colossus*, bem como todos os objetos de valor dos passageiros. O capitão Horner assistia ao carregamento de seu barco, impassível. Seus pensamentos estavam longe, pois aguardava ansiosamente pelo reencontro com Willians, que ousara desafiar sua liderança perante seus homens.

O pirata Maldito tinha a fama de ser extremamente violento em todas as pilhagens. Seu nome era tido como quase uma lenda; uma verdadeira assombração. Eram poucos aqueles que conseguiam fugir de suas mãos. Mas, outra fábula acompanhava a história daquele terrível pirata. De acordo com relatos de alguns poucos sobreviventes de navios atacados por seus homens, Horner era obcecado por um determinado tesouro, e que este ainda não havia sido encontrado pelo pirata. Diziam, ainda, que o homem assassinara o próprio pai, antes de completar dezoito anos, pois o velho também era fascinado pelo tal tesouro misterioso. Seu pai levava tatuado no braço esquerdo, o mapa onde uma pequena ilha na costa europeia indicava o local exato onde o tal tesouro estava escondido. Após o assassinato, Maldito ordenou que também lhe tatuassem o antebraço esquerdo com o mapa. Enquanto não encontrava a exata localização da ilha, o *Colossus* seguia pilhando todos aqueles que cruzassem seu caminho.

A história era conhecida por todos os capitães que singravam aqueles mares, inclusive o capitão Willians.

Os piratas ainda regozijavam-se pelo sucesso da empreitada com a abertura de várias garrafas de rum, quando Horner vociferou:

— Seus cães miseráveis! Tragam imediatamente o tal Willians à minha presença.

Em pouco tempo, lá estava o capitão do navio que agora não passava de um gigantesco cemitério à deriva pelo Atlântico.

Willians exibia no rosto toda a fúria dos terríveis piratas. Seu olho esquerdo era uma massa de carne disforme. O direito estava inteiramente roxo e coberto de sangue quase coagulado. Poucos dentes ainda lhe restavam na boca que, de tão inchada, dificilmente poderia pronunciar palavras

compreensíveis. O restante do rosto, pescoço e braços exibiam pequenos hematomas escuros. Com os pulsos presos por velhas cordas, que lhe rasgavam a pele, o capitão Willians foi jogado de joelhos perante o pirata Maldito.

— Então, capitão, está satisfeito com o desfecho de sua audácia em me enfrentar diante de meus homens lhe custou? — indagou o pirata.

Willians nem se atrevia a responder, até mesmo porque não possuía condições para isso. Mantinha a cabeça baixa e respirava com dificuldade.

— Olhe pra mim enquanto falo com você, seu cão do inferno — gritou Horner, antes de acertar um violento chute no já estraçalhado rosto do capitão.

O homem caiu para trás, mas foi rapidamente colocado na posição anterior pelos outros piratas.

Willians levantou um pouco a cabeça tentando enxergar o rosto de Horner. Assim que visualizou o pirata, cuspiu uma poça de sangue nas botas do homem à sua frente.

— Desgraçado! — limitou-se a dizer entre dentes, o pirata que exalava ódio pelos poros.

Olhou para seus homens imediatamente atrás de Willians, que rapidamente entenderam o significado daquele olhar, e saíram em direção à popa do navio.

— Se a lição ainda não foi entendida pelo capitão, farei com que se arrependa de uma vez por suas ações — disse Horner num tom ameaçador.

O capitão Willians sentiu um arrepio subir pelas costas ao imaginar a surpresa que o pirata havia lhe reservado. Ouviu os passos dos piratas que retornavam às suas costas e, em seguida, ouviu a ordem do capitão pirata:

— Juguem-nas aqui à frente.

Ao escutar os baques surdos no chão de madeira, Willians encolheu-se e tentou não olhar, mas seria impossível não constatar o óbvio.

Aos pés do pirata Maldito, que ria com satisfação, Willians reconheceu as cabeças decepadas da esposa, filhos, mãe e sogros.

O homem não conseguiu gritar. Não daria esse gosto ao desgraçado pirata, mas não pôde evitar que uma lágrima de sangue escapasse de seu olho bom.

Notando a atitude do homem, Horner não perdeu mais tempo, pois a coragem do homem seria posta a prova definitivamente.

— Preparem a prancha! — gritou ele — É hora do nobre capitão fazer companhia aos tubarões.

A prancha foi rapidamente colocada na amurada do navio e o capitão foi levado aos empurrões até a borda.

— Quer dizer mais alguma coisa antes de morrer, meu caro? — perguntou o pirata, levando a mão para dentro do casaco e puxando um cachimbo antigo.

— Sim, tenho — respondeu com dificuldade o capitão, para surpresa de Horner.

— Pois diga — retorquiu o outro.

— Pelo menos me dê a dignidade de encontrar a morte com as mãos livres — pediu o capitão erguendo os braços e mostrando os pulsos amarrados.

Indiferente ao pedido de Willians, Maldito ergueu o queixo num sinal para um dos seus homens, enquanto acendia seu velho cachimbo.

O pirata cortou as cordas que prendiam o capitão Willians, que num último gesto, antes de se lançar à morte, tomou a espada que pendia da cinta do pirata e, num movimento vigoroso, cortou o braço de Horner na altura do cotovelo, agarrando o membro decepado junto ao corpo, antes de mergulhar para o mar escuro.

O pirata, de olhos arregalados, assistia, inerte, o nobre capitão Willians desaparecer perante sua vista, levando consigo o mapa tatuado do único tesouro que o pirata jamais conseguiria obter.

SOBRE O AUTOR

Lino França Jr. é paulista, graduado em Direito, e expõe seus contos em *sites* da Internet. É autor de “A Volta do Todo Poderoso”, pela Editora CBJE. Participou de diversas antologias de contos, entre elas: “Solarium”, “Metamorfose – A Fúria dos Lobisomens”, “Draculea - Vol. II”, “Extraneus 3 – Em Nome de Deus”, “VII Demônios – Gula” e “A Irmandade”. É organizador de antologias de contos, entre elas: “Bandeira Negra” (Multifoco) e “Olympus” (Literata).